

João Pessoa - Número Quatro - Agosto de 2002

Cultura, identidade cultural e globalização

Lúcia Maria Patriota

Mestranda em Saúde Coletiva
Universidade Estadual da Paraíba

Introdução

A cultura faz parte de uma realidade em que a mudança é um aspecto fundamental: a realidade humana. O homem, como bem coloca Ulmann (1991), não vive predeterminado pelo instinto, esse vive aprendendo a viver, adotando comportamentos, atitudes e identidades diferentes. Isso é cultura. Impossível de ser discutida sem que se discuta o próprio processo social concreto. Impossível tratá-la como algo com começo, meio e fim, como algo estanque, isolado de um contexto global, daí a intenção de se discutir um pouco sobre identidade cultural, questão que toma bastante ênfase nos debates e na teoria social, associando-a ao processo de globalização. Quais as conseqüências desse fenômeno sobre as identidades culturais? E que identidades são estas?

O artigo tem por base a produção teórica de Stuart Hall, **A identidade cultural na pós-modernidade** (1999), cuja discussão maior gira em torno da chamada crise da identidade, ou seja, argumenta-se que as velhas identidades estão sendo substituídas por novas identidades. Sua análise parte das várias concepções de sujeito construídas e assumidas ao longo do processo histórico e que determinam as identidades.

Inicialmente são apresentadas considerações gerais sobre cultura, alguns conceitos, os sentidos comumente atribuídos ao conceito e a importância de estudos acerca do mesmo.

Em seguida são apresentadas três concepções de sujeito, o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno e suas respectivas identidades, ou seja, enfocam-se as mudanças nos conceitos de sujeito e de identidade.

Por fim seguem-se as reflexões sobre o processo de globalização e a repercussão do fenômeno sobre as identidades culturais.

Muito embora o artigo esteja sistematizado por partes, nossa compreensão é que as três temáticas – cultura, identidade cultural e globalização – estão intrinsecamente ligadas, tornando difícil abordar uma delas sem que as outras não sejam mencionadas.

Cultura: considerações gerais

Conceito presente nas elucubrações teóricas mais rebuscadas e nas reflexões cotidianas menos refinadas, podemos afirmar que cultura é uma preocupação marcante na e da contemporaneidade.

Palavra polissêmica, ela tem sido usada com os mais variados significados e lhe são imputados vários atributos, tais como: popular, erudita, nacional... O fato é que por cultura se entende muita coisa, a multiplicidade de significados assumida pelo

conceito lhe é marcante.

Cultura é uma palavra de origem latina e seu significado original está ligado às atividades agrícolas (Santos, 1994). Vem do verbo latino *colere*, que quer dizer cultivar. Foram os romanos antigos que ampliaram esse significado inicial do termo, passando a fazer uso do mesmo significando refinamento pessoal. Comumente se faz esse uso do termo cultura até hoje.

Santos apresenta-nos duas concepções básicas de cultura.

A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Dessa forma, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação. Esse é o significado moderno do conceito que passa a ser assumido, notadamente no século XIX, atrelado ao desenvolvimento de teorias científicas sobre a vida e a sociedade e passa a tratar da totalidade das características de uma realidade social.

A segunda concepção refere-se ao conhecimento, às idéias e crenças de um povo, assim como às maneiras como eles existem na vida social. A cultura, assim, diz respeito a uma esfera, a um domínio da vida social.

É o mesmo autor que ressalta um importante fato: as duas concepções nos levam a entender a cultura como uma realidade estanque, parada, negando-lhe sua essência que é a dinamicidade. Sobre isso, ele nos diz: "*se a cultura não mudasse, não haveria o que fazer senão aceitar como naturais as suas características e estariam justificadas, assim, as suas relações de poder*" (Santos, 1994: 83).

Ulmann (1991) também atribui a cultura dois sentidos:

Em sentido amplo, cultura designa o *modus vivendi* que os homens desenvolveram e desenvolvem reunidos em sociedade.

Em sentido restrito, cultura significa o *modus vivendi* global de que participa determinado povo.

Ele define cultura como sendo "*a superação daquilo que é dado pela natureza. Logo, é aquilo que o homem transforma*" (1991: 84).

Tendo como matriz produtora a natureza, a cultura vai além desta. Não é dada naturalmente, não é decorrência de leis físicas ou biológicas, mas constitui-se numa construção histórica, um produto coletivo da vida humana, e, assim sendo, assume um caráter eminentemente libertador, transformador, podendo também se colocar como fator restringidor, "*a cultura ao mesmo tempo liberta e restringe, promove e coíbe, desvencilha e impõe freios*" (Ulmann, 1991: 89).

A cultura não permite apenas que se descreva e compreenda uma realidade, mas aponta caminhos para sua modificação, ela nos leva a entender o processo histórico que produz a sociedade – e a própria cultura – as relações de poder e o confronto de interesses dentro da sociedade.

Os estudos da cultura contribuem sobremaneira para o combate, e, até mesmo, eliminação do preconceito. Contribui para o entendimento dos processos de transformação pelos quais passam as sociedades contemporâneas, ajudando-nos a pensar a nossa própria realidade social e o processo de construção de nossas identidades culturais.

Identidade cultural

O exterior exerce um importante papel na formação de nossa identidade, que está presente no nosso imaginário e é transmitida, fundamentalmente, por meio da cultura. A identidade é o que nos diferencia dos outros, o que nos caracteriza como pessoa ou como grupo social. Ela é definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material.

Quando nos referimos à identidade cultural, referimo-nos ao sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, ou seja, aquela cultura em que nascemos e que absorvemos ao longo de nossas vidas. Ressaltamos aqui, que esta identidade não é uma identidade natural, geneticamente herdada, ela é construída. Hall (1999: 50) assim a define: *"uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos"*.

Para este mesmo teórico, a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, ela não é automática. Ele apresenta-nos três concepções de sujeito e suas respectivas identidades: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo baseava-se na concepção da pessoa humana como totalmente centrada, unificada. Corresponhia a uma concepção individualizada e o centro essencial do EU correspondia a sua identidade. Tal concepção é reforçada por Descartes quando este estabeleceu a concepção do sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento, o chamado sujeito cartesiano.

À medida que o mundo moderno se tornava mais complexo, emergia a consciência de que esta essência interior do sujeito, que determinava sua identidade, inexistia. O sujeito não é autônomo e auto-suficiente, mas é formado com outras pessoas que lhe mediam os valores e símbolos – a cultura. Assumia-se o entendimento de que a identidade é formada na interação entre o sujeito e a sociedade. Esta é a concepção sociológica do sujeito.

Como as sociedades modernas caracterizam-se, fundamentalmente, por serem sociedades de mudanças constantes e rápidas, o modelo sociológico interativo que é produto da primeira metade do século XX, começa a ser perturbado por mudanças estruturais e institucionais. A noção de um sujeito como tendo uma identidade unificada e estável é superada. Esta passa a ser definida historicamente e não biologicamente. O sujeito passa a assumir identidades diferentes em diferentes momentos.

Há uma espécie de perda de um sentido de si, que Hall denomina de crise de identidade. Esta é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Sobre isso, ele diz:

"A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar" (1999: 13)

O posicionamento de Hall é de que há um descentramento do sujeito nas sociedades modernas e, conseqüentemente, das identidades e que este descentramento foi favorecido por cinco grandes avanços na teoria social. Os

descentramentos são os seguintes:

A retomada e reinterpretação da obra de Karl Marx. A afirmação de Marx de que o homem faz história, mas a faz sob condições históricas criadas por outros homens, desloca qualquer noção de agência individual. Ele coloca as relações sociais e não uma noção abstrata de homem no centro de seu sistema teórico.

O segundo descentramento vem da descoberta do inconsciente por Freud. A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional, provido de uma identidade fixa e unificada, o sujeito cartesiano. A identidade é formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes. A grande questão que é colocada sobre o trabalho de Freud é que os processos inconscientes não podem ser facilmente vistos ou examinados.

O terceiro descentramento está associado ao trabalho do lingüista estrutural Ferdinand de Saussure. Saussure argumentava que nós não somos, em nenhum sentido, os autores das afirmações que nós fazemos ou dos significados que expressamos na língua. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. O falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade. Existem sempre significados sobre os quais não temos controle e estes estão sempre provocando desconstruções nas nossas mais sólidas construções, como coloca Derrida.

O quarto descentramento apresentado por Hall ocorre no trabalho de Foucault, que produz uma espécie de genealogia do sujeito moderno, destacando um novo tipo de poder que ele chama de poder disciplinador, que se desdobra ao longo do século XIX, chegando ao seu desenvolvimento máximo, no início do século XX.

O poder disciplinador está preocupado com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana. Seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX e que policiam e disciplinam as populações modernas: os quartéis, as escolas, os hospitais, prisões...

O objetivo do poder disciplinador é manter as vidas, as atividades, o trabalho, os prazeres do indivíduo, sob astuto controle e disciplina, com base nos regimes administrativos.

Por fim, o quinto descentramento corresponde ao impacto do movimento feminista, tanto como uma crítica teórica, quanto como um movimento social.

Este configurou-se num movimento de contestação e oposição, principalmente, a política liberal capitalista e as formas burocráticas de organização.

O movimento feminista teve relação direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico ao questionar a clássica distinção entre o dentro/ fora, o privado/ público; ao trazer a tona questões como família, sexualidade, trabalho doméstico; ao enfatizar o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados; e, ainda, ao politizar a subjetividade, a identidade e o processo de identificação.

O fato é que a sociedade, conforme pode ser visto nos argumentos colocados por Hall, não é um todo unificado e bem delimitado. Ela está constantemente descentrando-se, sendo deslocada por forças fora de si mesma, notadamente as sociedades da modernidade tardia que são atravessadas por diferenças e antagonismos sociais que produzem uma verdadeira variedade de identidades.

Esse fenômeno chamado por Hall de descentramento/ deslocamento tem características positivas. Segundo esse teórico, ele desarticula as identidades estáveis do passado, mas abre possibilidades de que novas identidades sejam criadas, produz novos sujeitos, não mais com identidades fixas e estáveis, é verdade, mas sujeitos fragmentados, com identidades abertas, contraditórias, inacabadas, sempre em processo, assim como a própria história desses sujeitos.

Globalização e identidade cultural

Considerando-se a globalização como palavra de ordem do atual momento histórico, não a enfocamos aqui sob o ponto de vista econômico, ou seja, como dinâmica de produção de bens que molda e conduz as economias mundiais. Não o fazemos dada a complexidade da temática sob tal prisma, o que exigiria todo um redirecionamento da análise aqui proposta.

A globalização a que nos referimos assume-se como paradigma que engloba o econômico, o ideológico e o cultural e que "*ameaça partes inteiras dos edifícios culturais e sociais*" (Bougnoux, 1999: 189).

Processo impositivo e impessoal que atravessa a sociedade contemporânea, rompe fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades, transformando o mundo numa verdadeira aldeia global, num mundo de iguais. Essa é globalização de que falamos.

E as identidades? Onde elas ficam?

Se toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, se ela é uma diferença, como ficamos?

Estabelece-se, assim, mais uma crise. Uma verdadeira crise de identidades e coloca-se à humanidade mais um desafio: como manter sua identidade, que não é uma, que não é igual, aberta ao outro – assim exige o global – sem se arriscar a perdê-la ou destruí-la?

Bougnoux diz ser vital para um povo ou para uma cultura construir, consumir e manter sua própria imagem.

Evidentemente devemos ter em mente as formas pelas quais as culturas nacionais também contribuem para "costurar" as diferenças numa única identidade. Sobre isso trata Hall, acrescentando ainda que estas identidades nacionais também estão sendo deslocadas pela globalização.

O fenômeno da globalização contribui para o deslocamento das identidades culturais desintegrando-as, homogeneizando-as e, conseqüentemente, enfraquecendo-as. "*A medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural*" (Hall, 1999: 74). O confronto com uma verdadeira gama de identidades culturais é traço marcante da contemporaneidade. E é interessante até que ele ocorra, por certo há um enriquecimento, uma troca cultural, no entanto, é praticamente impossível vislumbrar tudo isso sem negar a tensão entre o global e o local, que, ideologicamente, é permeada por interesses outros, afinal, a globalização é um processo desigual e tem sua própria geometria de poder. Ela, inegavelmente, tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, tornando as identidades menos fixas e unificadas.

Argumenta-se que este é um processo irreversível. Caso o seja, somos desafiados a abrir nossas fronteiras, permitir que o novo chegue-se a nós sem, no entanto, abrir mão de nossa cultura nacional, de nosso legado cultural. Evidentemente isto não é fácil, pela força hegemônica dos que invadem os espaços subalternos. O processo evidencia uma agressiva desigualdade entre “globalizador” e “globalizado”.

No entanto, como o próprio processo histórico nos permite verificar, nada é imutável. Somos os atores sociais responsáveis pelo desenrolar do grande enredo que é a História.

Considerações finais

É fato que a sociedade moderna caracteriza-se por ser uma sociedade de mudanças. Elas – as mudanças – marcam, na verdade, a história do próprio homem. Ele é o grande agente e paciente das mudanças.

Um quadro perturbador marca a contemporaneidade dada a velocidade e força com que as mudanças ocorrem. Isso se evidencia na questão cultural e, sobretudo, na questão das identidades culturais, que mudam de acordo com a forma como o sujeito é conceptualizado, conforme visto em Hall, e que sofrem o impacto dos fenômenos políticos e ideológicos da época, a exemplo da globalização.

A perda de um sentido de si, conseqüência das mudanças profundas que marcam as sociedades modernas e pós-modernas, abalam as referências que davam aos indivíduos uma certa estabilidade e segurança.

Não se faz aqui apologia ao conservadorismo, no entanto, é preciso conservar sim, aquilo que é fruto de toda uma construção coletiva e histórica, que nos é peculiar, que nos identifica nesse mundo de iguais, como quer o discurso global.

Outro fato é que não podemos discutir cultura ignorando as relações de poder estabelecidas nas sociedades.

O conflito entre o “global” e o “nacional” toma mais ênfase nos debates e reflexões, no entanto, ele está presente em esfera menor, ou seja, há uma tentativa de se homogeneizar as culturas nacionais, marcadas por traços peculiares e que impossibilitam qualquer tentativa de se estabelecer uma única identidade cultural. Afinal, cultura é, sobretudo, diversidade!

Referências Bibliográficas

- BOUGNOUX, D. **Introdução às ciências da comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ULMANN, R. A. **Antropologia: o homem e a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1991.